

A Artemis II foi filmada em estúdio

Sucesso total. Ao fim de 10 dias de viagem à Lua, os astronautas da Artemis II amararam em segurança no Pacífico. Está resolvida a questão dos que duvidam da ida à Lua? Não? As provas de que tudo não passa de um colossal embuste são ainda mais gritantes? Como assim? Pelos vistos, a viagem da Artemis não convenceu ninguém que não quisesse ser convencido. Nos EUA, metade dos jovens republicanos acha que as idas à Lua foram encenadas. Há um estudo europeu da TRESKA com números igualmente alarmantes: um em cada quatro europeus diz duvidar da ida à Lua.

A Artemis forneceu imagens para congelar e recortar, ampliar e apontar como “prova” — mesmo que geradas por IA. Houve imagens falsas e patéticas, com astronautas supostamente pendurados por cabos e panos verdes detrás, que terão sido para alguns mais convincentes do que a transmissão em direto da cápsula da NASA. Houve também teorias sobre fotos alteradas da Terra e posicionamento de nuvens. Se uma é demasiado limpa, é efeito especial; se há um “tremor”, é suspeita; se há um “corte de emissão”, é porque escondem algo; se não há, é suspeito tudo correr bem demais.

Quando, no sábado, a Artemis regressou, os conspiracionistas ainda só estavam a começar a alimentar as suas teorias e a engordar os seus algoritmos. E o problema não é só uma “massificação da estupidificação” — quem acredita nestas teorias acha-se mais esperto do que os outros, pertence a uma elite que sabe algo que os tolos do rebanho e do sistema não sabem. O mais importante é que a conspiração se tornou capital social. Pode pôr-se a render. Vivemos o fim da vergonha e do ridículo epistémico. Nem é preciso dizer que não se acredita que o homem foi à Lua, basta dizer que se tem algumas dúvidas e que se deve “investigar melhor”. Mas ser apanhado a dizer algo deste calibre — “a Artemis é um logro” — não só já não tem um custo social como até cria engagement nas redes sociais. No limite, há uma rentabilização da estupidificação e do ridículo.

Como se chegou aqui? Hoje é possível fazer um resumo histórico que começa com a publicação, em 1976, do livro “We Never Went to the Moon”, de Bill Kaysing, um redator técnico que trabalhou num dos motores da Apollo e que tinha esse feeling. Os contra-argumentos de que teriam de ser mais de 400 mil pessoas a conspirar numa só missão, e com a cumplicidade dos soviéticos, não convencem quem não quer ser convencido. Em 2001 há o salto para o mainstream com o especial da Fox “Did We Land on the Moon?”. As redes sociais vieram unir os nichos. Embora os terraplanistas sejam outra cosmologia, que implica negar tudo até aos pré-socráticos: se a Terra é plana, obviamente que não se vai à Lua. O boom recente deu-se com o podcaster mais “poderoso do mundo”, Joe Rogan, que “só coloca questões” e tem lançado dúvidas sobre o tema. Mas o grande salto do conspiracionismo deu-se recentemente quando Kim Kardashian questionou a ida à Lua para os seus 300 milhões de seguidores no Instagram e espectadores televisivos.

É o que se chama “a democratização da dúvida”, onde a “autenticidade” da Kardashian vence a “autoridade” dos fundamentos dos cientistas da NASA: “Sinto, logo é verdade.” O argumento mais utilizado por estes movimentos nas redes é: “faz a tua investigação, vai ao TikTok, vê por ti mesmo”. As celebridades, que têm acesso às elites, ao poder e aos segredos, vieram validar a dúvida. E o que há para ver nas redes sociais? Um algoritmo conspiracionista que te apanha, te suga e te lança num turbilhão de “provas” bem ali à vista que demonstram que nunca se foi à Lua. Nem a Artemis saiu da Califórnia. Simples. As marcas das solas dos astronautas na Lua não são idênticas às das botas que usaram. Quem os estava a filmar quando desceram as escadas? E

as estrelas estavam onde? Ah, pois é. Há obviamente respostas para isto tudo. Mas cria-se um vício intelectual, a dopamina da descoberta dos enganos que nos querem fazer engolir, numa igreja da dúvida. E não se pode voltar atrás depois de defender isto publicamente.

O público-alvo já não confia nas instituições e criou-se uma “bolsa de imunidade social” em que a verdade é definida pela tribo, não por provas científicas. Para mais, têm como prova que a internet já expôs fissuras reais em narrativas oficiais: os Governos mentiram sobre o Iraque, o FBI espionou Martin Luther King, a CIA executou golpes de Estado — há constatações reais. “Se mentiram sobre isto, podem ter mentido sobre a ida à Lua.”

Dir-se-ia que a Artemis e a sua extraordinária viagem teriam posto fim a tudo isto. Mas o ecossistema digital foi inundado de deepfakes, de imagens feitas por IA para lançar dúvidas sobre a missão. E qualquer glitch, atraso de comunicação ou falha de imagem foi aproveitado como “evidência”. O excesso de detalhe fornecido pela NASA foi recebido com suspeição. Transitámos de uma era de “falta de informação” para uma era de “imunidade à informação”. A NASA explicou todas as “tramoias” levantadas. As imagens falsas foram desmontadas. Mas as teses conspiracionistas é que tiveram tração.

Assim, a missão da Artemis II, que levou humanos mais longe da Terra do que nunca, tornou-se um desafio que tinha de ser desmontado pelos mais inteligentes e astutos de nós: os conspiracionistas. E por aí continuam.

Em 2026, os humanos podem até chegar à Lua; duvida-se é que regressem à realidade.

NUNES, Luís Pedro. "A Artemis II foi filmada em estúdio". Expresso, 15 de abril de 2026.